



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ  
CAMPUS TERESINA CENTRAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO**

**THIAGO HENRIQUE COSTA MARQUES**

**A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA EMPREENDEDORES NA  
SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL**

**TERESINA/PI**

**2024**

THIAGO HENRIQUE COSTA MARQUES

A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA EMPREENDEDORES NA  
SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)  
apresentado como exigência parcial para obtenção  
do diploma do Curso de Especialização em  
Empreendedorismo e Inovação do Instituto Federal  
de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,  
Campus Teresina Central.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Soares da Silva.

TERESINA/PI

2024

## A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA EMPREENDEDORES NA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

Thiago Henrique Costa Marques<sup>1</sup>

Tiago Soares da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O empreendedorismo consiste na criação de valor a partir de novas oportunidades, desenvolvimento de novos produtos, modelos de negócios, mercados ou formas de organização, como fenômeno amplo e interdisciplinar, envolvendo estratégia, economia, política pública, negócios, sociologia, entre diversas outras áreas. Uma educação financeira adequada gera controle de finanças pessoais frente a um consumo consciente. São necessários organização, planejamento e controle para que uma empresa não vá à falência por dificuldades financeiras. Neste trabalho, a revisão bibliográfica consistiu como uma pesquisa exploratória, qualitativa, com análise de livros, periódicos, artigos, sites da Internet, dissertações e/ou teses. Nove artigos foram selecionados por meio da busca com as palavras chaves utilizadas para o estudo nas bases de dados e utilizados para a elaboração do manuscrito. O presente artigo se mostra relevante ao relacionar, educação financeira e a sustentabilidade de empresas, impondo a importância da primeira sobre a segunda. Mais estudos podem ser necessários para o aprofundamento no tema, com outras questões que podem ser abordadas em pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** educação financeira; sustentabilidade empresarial.

### ABSTRACT

Entrepreneurship consists of creating value from new opportunities, developing new products, business models, markets or forms of organization, as a broad and interdisciplinary phenomenon, involving strategy, economics, public policy, business, sociology, among several other areas. Adequate financial education generates control of personal finances in the face of conscious consumption. Organization, planning and control are necessary so that a company does not go bankrupt due to financial difficulties. In this work, the bibliographic review consisted of exploratory, qualitative research, with analysis of books, periodicals, articles, websites, dissertations and/or theses. Nine articles were selected through a search using the keywords used for the study in the databases and used to prepare the manuscript. This article is relevant in relating financial education and company sustainability, imposing the importance of the first over the second. More studies may be necessary to delve deeper into the topic, with other questions that can be addressed in future research.

**Keywords:** financial education; corporate sustainability.

Data de aprovação: 17/07/2024 (data de apresentação do TCC)

---

<sup>1</sup> Doutor em Biotecnologia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. E-mail: thiago.marques@ifpi.edu.br

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Propriedade Intelectual. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. E-mail: tiago@ifpi.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo consiste na criação de valor a partir de novas oportunidades, desenvolvimento de novos produtos, modelos de negócios, mercados ou formas de organização, como fenômeno amplo e interdisciplinar, envolvendo estratégia, economia, política pública, negócios, sociologia, entre diversas outras áreas (Machado; Martens; Kniess, 2023). Nas Organizações, a inovação ocorre com a inserção de valor social ou de algo inovador em tecnologias, processos operacionais, práticas mercadológicas, criação de rupturas no sistema econômico e/ou outras pequenas mudanças ou adaptações, que gerem ganhos econômicos (Machado; Martens; Kniess, 2023).

Estamos em um mundo capitalista, em que o consumo é estimulado para mover a economia mundial (Vieira; Lins; Da Silva, 2021). Existe facilidade em obtenção de empréstimos, que muitas vezes podem gerar dívidas impagáveis; logo uma educação financeira adequada pode gerar controle de finanças pessoais frente a um consumo consciente, deixando na obrigação do empresário tomar as melhores escolhas para ter qualidade de vida digna (Vieira; Lins; Da Silva, 2021).

No ano de 2020, as microempresas que atuaram no Brasil conseguiram produzir trinta por cento do produto interno bruto brasileiro; porém, mostraram fragilidade por vários motivos, como falta de habilidade dos empreendedores em ter comportamentos de educação e gestão financeira, a alta carga tributária, a falta de capital, a alta burocracia para formalização e andamento regular do negócio (Dias; Da Silva, 2023). São necessários organização, planejamento e controle para que uma empresa não vá à falência por dificuldades financeiras; sendo que uma educação financeira eficaz é indispensável para a gerência dos recursos financeiros (Dias; Da Silva, 2023). Esse instrumento viabiliza o equilíbrio entre os ativos e passivos, possibilitando a gestão financeira do negócio: planejar, coordenar, controlar e monitorar as atividades financeiras de uma empresa ou organização, com o objetivo de garantir o uso racional dos recursos financeiros (Dias; Da Silva, 2023).

A educação financeira abrange duas dimensões: a compreensão, que envolve o conhecimento em finanças pessoais, e uso, envolvendo a aplicação dos conhecimentos; consiste no conhecimento e na aplicação do capital humano em questões de finanças pessoais (Silva; Lucena, 2022). O conhecimento financeiro leva a escolhas sobre finanças individual e familiar, e a falta de conhecimento financeiro leva a comportamentos indesejados, como o consumo compulsivo e endividamento, que ocasionam ansiedade, insegurança e estresse, que podem alterar o desempenho no trabalho, diminuindo a produtividade (Silva; Lucena, 2022).

A primeira disciplina oficial de empreendedorismo foi ministrada na Universidade de Harvard em 1947, e desde então os programas de educação em empreendedorismo têm crescido (Foliard *et al.*, 2019). Ao mesmo tempo, a educação em empreendedorismo tem progressivamente se tornado um destacado tema e campo de pesquisa (Katz, 2003; Fayolle, 2013; Foliard *et al.*, 2019). Uma das consequências da riqueza da literatura científica no campo da educação em empreendedorismo é a emergência de um alto nível de reflexão sobre o ensino do empreendedorismo (Foliard *et al.*, 2019).

Esta pesquisa visou responder à seguinte questão: a educação financeira seria importante para a sustentabilidade empresarial? Nesse sentido, objetivou-se um levantamento da literatura de artigos científicos em diversos banco de dados sobre a importância e experiências envolvendo a relevância da educação financeira para empreendedores na sustentabilidade empresarial nos últimos anos.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho de revisão de literatura visou avaliar a importância da educação financeira na sobrevivência de empresas.

A pesquisa delineada foi de natureza bibliográfica, descritiva e retrospectiva. Foi realizado levantamento bibliográfico dos artigos completos originais e de revisão disponíveis na literatura sobre educação financeira e sustentabilidade empresarial, por meio de busca de artigos nos idiomas português, inglês ou espanhol, compreendidos entre os anos de 2009 e 2024 nas seguintes bases de dados: Periódicos CAPES, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Science Direct*, *Scielo* e *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (Medline).

Os seguintes descritores e suas combinações nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola foram utilizados para busca dos artigos: “educação financeira”, “sustentabilidade empresarial”.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos completos originais e de revisão publicados em português, inglês ou espanhol; artigos na íntegra que retratassem a temática referente à revisão integrativa e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados no período estudado.

Os critérios de exclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em outros idiomas; artigos repetidos nas bases de dados, não disponíveis e sem resumo que retratassem a temática referente à revisão de integrativa; documentos que, a partir da avaliação do título e do resumo, não contemplavam o objetivo da pesquisa, com data fora do intervalo de tempo estabelecido e que abordavam a metodologia em outras áreas.

Nove artigos foram selecionados por meio da busca com as palavras chaves utilizadas para o estudo nas bases de dados e utilizados para a elaboração do manuscrito. Os artigos científicos foram impressos, para em seguida ser realizada uma leitura minuciosa de cada texto separado para essa produção. Os parágrafos principais de cada artigo que abordaram a temática do trabalho foram selecionados e debatidos a seguir. Os artigos foram analisados por título e resumo, para que fossem incluídas as informações mais pertinentes que se referem ao tema da pesquisa sobre educação financeira e sustentabilidade empresarial.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

No trabalho de Da Rosa (2021), constatou-se que a atividade de gastar tornou-se simples com a utilização de cartão de crédito, por exemplo, em adquirir bens e serviços; a falta de planejamento, por sua vez, levava a perda de controle dos gastos e acúmulo de dívidas. Daí surge a importância da educação financeira para evitar o quadro de falência, em que as pessoas não possuem o hábito de criar planilha de gastos, sendo que sem a noção exata das entradas e saídas, perde-se a noção da disponibilidade de recursos (Da Rosa, 2021). Se o indivíduo apresenta uma satisfatória educação financeira pode realizar escolhas conscientemente e, consequentemente, terá uma vida com maior qualidade (Da Rosa, 2021).

O brasileiro passou a estudar e compreender mais Economia e sobre o funcionamento do mercado brasileiro, em busca da lógica da educação financeira objetivando maior segurança na tomada de decisões em seus investimentos: a educação financeira envolveu assuntos como consumo consciente, contribuindo para que objetivos sejam alcançados, bem como instrumentalizou o sujeito a melhor lidar com o capital que possui, fazendo-se assertivo com seus rendimentos (Da Rosa, 2021).

O trabalho de Huf (2016) explorou questões culturais na falta de controle financeiro da população: na infância, as famílias brasileiras não nos ensinaram a poupar, e as pessoas cresceram com o ideal de possuir dinheiro para que se possa gastá-lo. Para contribuir com este cenário de desarranjos, observou-se que questões relacionadas com educação financeira e empreendedorismo pouco são tratadas nas escolas e universidades (Huf, 2016).

Em contraposição ao trabalho anterior, Wagner (2019) referiu que foi dada ainda mais ênfase à educação financeira em todos os níveis. Por exemplo, escolas secundárias em muitos estados norte-americanos incorporaram padrões, cursos ou exames de finanças pessoais, faculdades oferecem seminários para estudantes para ajudá-los a gerenciar crédito e empregadores oferecem workshops para funcionários (Wagner, 2019).

Ainda segundo Huf (2016), Disciplina é um dos pilares de uma educação financeira eficaz. Um comportamento necessário, mas pouco realizado, é que se tem um valor total de uma determinada compra e não se conseguirá um desconto caso se pague de modo à vista, deve-se parcelar o valor e depositar o restante em um investimento e, conforme as faturas do cartão vençam, o pagamento do produto é realizado, sendo que ao fim, obter-se-á rendimentos (Huf, 2016). Essa questão pode parecer simples e lógica, porém sem a disciplina necessária, não será possível a realização desse processo (Huf, 2016).

Gattai, Silva e Santos (2011) estudaram, em relação ao cenário das corporações, a educação corporativa como processo estruturado de formação e desenvolvimento dos indivíduos que trabalharam na organização, processo que possui como principal diretriz para escolha e desenvolvimento de ações de educação dentro e fora da organização. Nesse sentido, a educação corporativa é a função organizacional que alinha competências da empresa e competências individuais, gerando assim, por um lado uma vantagem competitiva para a empresa e, por outro, maior empregabilidade para os indivíduos que nela trabalham (Gattai; Silva; Santos, 2011). Os líderes nas organizações, em todos os níveis, possuem um papel específico relacionado ao processo de educação corporativa que é o papel de líder educador (Gattai; Silva; Santos, 2011).

De acordo com Ribeiro (2020), temos o levantamento do estado da arte e elaboração de uma extensa publicação denominada *Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness*, no qual o conselho da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) convidou países membros e não membros a considerar as recomendações ali descritas e a disseminar os princípios e as boas práticas entre instituições dos setores público e privado, com e sem fins lucrativos, que estivessem envolvidas no tema. Esse mesmo documento serviu de base para a definição adotada pelo Brasil em seu plano diretor: educação financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (Ribeiro, 2020).

Ainda segundo Ribeiro (2020), a criação oficial da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) teve como objetivos promover a educação financeira e previdenciária; aumentar a capacidade do cidadão para realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos; e contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização. A ENEF foi uma mobilização multisetorial em torno da promoção de ações de educação financeira no Brasil, sendo sua estratégia instituída como política de Estado de caráter permanente, e suas características principais foram a garantia de gratuidade das iniciativas que desenvolve ou apoia e sua imparcialidade comercial (Ribeiro, 2020). O objetivo da ENEF, criada no Decreto Federal 7.397/2010, foi contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes (Ribeiro, 2020).

Santos (2013) argumentou que os níveis de endividamento no Brasil estão se tornando assustadores; alguns governantes e estudiosos dizem que esse nível ainda é bem menor que o de alguns países, porém os juros brasileiros são muito mais altos que os deles (a taxa de juros

dos cartões de crédito, que podem ser até 17 vezes maior no Brasil comparada a dos Estados Unidos). Para as empresas, isso também está se tornando um problema: funcionários endividados faltam mais ao trabalho na tentativa de solução para o problema das dívidas, causando diminuição da sua produção por conta do stress causado pelo desequilíbrio e pelas pressões financeiras; além disso, o presenteísmo (quando o funcionário está presente na empresa, mas não se concentra em suas atividades e não produz o esperado) está muito presente nos casos de dívidas, o que podem causar, além da baixa produtividade, acidentes de trabalho, devida a falta de concentração e atenção ao executar suas atividades (Santos, 2013). Não há muitas pesquisas científicas que verifiquem de que modo a educação financeira beneficia ou não a produtividade no trabalho; no entanto, sabe-se que quanto menos preocupados com questões fora do trabalho, melhor será a produtividade e o empenho dos funcionários, o que consequentemente aumentará a produtividade e assertividade (Santos, 2013).

Conforme ainda Santos (2013), a educação financeira deveria ser ensinada as pessoas desde os primeiros anos de vida como matéria obrigatória nas escolas. Algumas escolas já estão inserindo a Educação Financeira na grade curricular, porém estas poucas iniciativas ainda são insuficientes para prevenir um problema tão grande uma vez que como muitos jovens já enfrentam problemas com as dívidas (Santos, 2013). Educação financeira não pode ser privilégio de crianças ricas ou de classe média, pois é justamente às camadas menos favorecidas da população que se deve dar prioridade neste aspecto: é, sobretudo nas pessoas de pouquíssimos recursos, a quem se deve dar a conhecer, com urgência, como ganhar, gastar e poupar dinheiro (Santos, 2013).

Outro ponto de vista apresentado por Santos (2013) abordou uma questão que pode atrapalhar o desempenho do funcionário, e prejudicar a organização: a possível ausência do funcionário para resolver problemas relacionados a essas dívidas. Por conta disso, hoje existem muitas empresas no mercado especializadas em Educação Financeira, com vistas a treinar e educar os funcionários a fim de ensiná-los a organizar melhor suas finanças, não gastar mais do que ganham e, ainda, a investir parte de sua renda em ações, bolsa de valores ou poupança (Santos, 2013). Muitas empresas, de diferentes ramos de atividade, já adotaram esse método para melhorar o desempenho de seus colaboradores, educando-os financeiramente; na contramão do que foi dito, outras empresas brasileiras preferem seu empregado endividado e desesperado, por julgar que assim mantêm uma rédea curta sobre ele e um controle sobre a rotatividade, sem perceber que a saúde financeira traria benefícios como a diminuição do estresse, o aumento da produtividade, a diminuição de custos com saúde e, principalmente, o aumento de lucros e o crescimento econômico de todos (Santos, 2013).

Já o trabalho de Silva, Oliveira e Angnes (2020) defendeu que a educação para o empreendedorismo poderia se constituir como uma orientação estratégica relevante na prossecução de um desenvolvimento integrado, eticamente fundamentado e promotor da liberdade de escolha efetiva dos cidadãos. O empreendedor tecnológico teve o seu perfil caracterizado pela familiaridade com o mundo acadêmico, por uma busca de oportunidades de negócio na economia digital e do conhecimento, por uma cultura técnica que o leva a arriscar-se, investindo em nichos de mercado; entretanto a dinâmica dos mercados e os avanços tecnológicos exigiram cada vez mais mudanças no perfil dos empreendedores, envolvendo competências comportamental, gerencial e técnica (Silva; Oliveira; Angnes, 2020). O empreendedorismo não é uma ciência ou uma arte, mas uma prática e uma disciplina, no qual o “espírito empreendedor” e a disposição de assumir riscos deve ser inerente; no contexto da educação empreendedora, a competência engloba traços de personalidade, habilidades e conhecimentos distintos, os quais servem de estímulo e contribuem no desenvolvimento do empreendedor (Silva; Oliveira; Angnes, 2020).

Tumerelo e colaboradores (2012) difundiram que, com as práticas de educação corporativa, esperava-se que as empresas desempenhassem uma função ativa no

desenvolvimento das pessoas, implantando sistemas educacionais que privilegiassem o desenvolvimento de atitudes, posturas e habilidades, e não apenas conhecimento técnico e instrumental. A educação corporativa surgiu como uma solução ao desenvolvimento de pessoas capazes de refletir criticamente sobre a realidade organizacional, propondo modificações constantes em favor da competitividade (Tumerelo *et al.*, 2012). A educação corporativa seria mais do que um processo, tratava-se de um trabalho em andamento na busca de execução das estratégias da empresa, além de ser um laboratório de aprendizagem para a organização e um instrumento de educação permanente (Tumerelo *et al.*, 2012).

Em conformidade, os autores do trabalho anterior expressaram que medir qualquer forma de influência da educação corporativa nos resultados da empresa, especialmente financeiros, seria um procedimento complexo, envolvendo quatro níveis: reação, caracterizada pela satisfação dos indivíduos com o treinamento; aprendizagem, caracterizada pela melhoria do conhecimento ou o aumento das habilidades; comportamento, caracterizado pela identificação de como o programa influenciou o indivíduo na mudança de comportamento; e resultados, caracterizado, por exemplo, por menor rotatividade, redução de desperdício em produção, redução de desperdício de tempo, aumento de vendas, redução de custos, aumentos de lucros e retorno sobre o investimento (ROI) (Tumerelo *et al.*, 2012).

Consoante Guardallou (2022), a sustentabilidade começaria com uma abordagem baseada em princípios para fazer negócios: investidores, especialistas financeiros e reguladores expressariam preocupações sobre a capacidade da equipe de gestão tradicional para integrar a sustentabilidade na estratégia da empresa. Os conselhos de administração deveriam ser responsáveis por encontrar um equilíbrio entre os objetivos financeiros e não financeiros da empresa, agindo no melhor interesse dos acionistas e das partes interessadas (Guardallou, 2022). Vários estudos identificaram várias características dos CEO (Chief Executive Officer), incluindo educação, estabilidade e experiência funcional, que poderiam ter impacto no desempenho de uma empresa, destacando o papel da educação formal entre as diversas características da formação gerencial que influenciariam os resultados organizacionais (Guardallou, 2022). Os níveis educacionais dos gestores influenciariam os seus valores e pontos de vista, bem como os seus processos de tomada de decisão; congruente a isso, vários estudos concluíram que a educação empresarial dos CEO teve um impacto favorável no desempenho social corporativo das suas empresas (Guardallou, 2022).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se mostrou relevante ao relacionar educação financeira e a sustentabilidade de empresas em trabalhos anteriores, impondo a importância da primeira sobre a segunda.

Uma boa educação financeira, baseada no exercício de disciplina, ocasiona realizar escolhas conscientes e, conseqüentemente, ter uma vida com maior qualidade. Muitas empresas, de diferentes ramos de atividade, já adotaram esse método para melhorar o desempenho de seus colaboradores, educando-os financeiramente.

Muito importante foi o tema educação financeira na trajetória das empresas em busca do sucesso. Um bom planejamento financeiro foi fundamental na organização empresarial, clarificando as tomadas de decisões e aumentando a competitividade frente ao mercado.

A educação corporativa foi a função organizacional que alinhou competências da empresa e competências individuais, e se mostrou como pilar no processo estruturado de formação e desenvolvimento dos indivíduos na organização. Os níveis educacionais dos gestores de empresas influenciaram os seus valores e pontos de vista, bem como os seus processos de tomada de decisão.

A ENEF, por exemplo, foi uma mobilização multisetorial em torno da promoção de ações de educação financeira no Brasil e contribuiu para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras.

A ênfase em educação financeira em escolas e universidades é um desafio para a transformação cultural, para maior compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, principalmente para as pessoas menos favorecidas economicamente. A educação financeira deveria ser ensinada desde a infância.

Mais estudos podem ser necessários para o aprofundamento no tema, com outras questões que podem ser abordadas em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

DA ROSA, Samanda Silva. A importância da educação financeira para aumento de eficiência no planejamento e controle de finanças pessoais. **Administração de empresas em revista (Online)**, 2021.

DIAS, Edson; DA SILVA, Guilherme Antônio. A aplicação da educação e gestão financeira nas microempresas e empresas de pequeno porte. **Revista Foco**, v. 16(11), 2023.

FAYOLLE, Allain. Personal views on the future of entrepreneurship education. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 25, n. 7-8, p. 692-701, 2013.

FOLIARD, Sthéfane; LE PONTOIS, Sandrine; FAYOLLE, Alain; DIERMAN, Isabell. A legitimidade de professores na educação em empreendedorismo: o que podemos aprender de uma revisão de literatura. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, p. 98-123, 2020.

GATTAI, Silvia; SILVA, Rodrigo Cunha da; SANTOS, André Laizo dos. A contribuição do líder à educação corporativa e percepção de aprendizado e desenvolvimento dos empregados: o caso de uma empresa prestadora de serviços financeiros. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 1(1), 2011.

GHARDALLOU, Wafa. Corporate Sustainability and Firm Performance: The Moderating Role of CEO Education and Tenure. **Sustainability**, v.14(6), 2022.

HUF, Eloá. **A Importância do Planejamento Financeiro Pessoal: estudo de caso com as formandas 2016 do curso de administração das faculdades integradas de Taquara**. 23 f. Taquara: FACCAT, 2016.

KATZ, Jerome A. The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education: 1876-1999. **Journal of business venturing**, v. 18, n. 2, p. 283-300, 2003.

MACHADO, Débora Mendonça Monteiro; MARTENS, Cristina Dai Prá; KNISS, Cláudia Terezinha. Empreendedorismo Inovador: Proposição de um Framework Conceitual Integrativo. **Revista de Administração, Sociedade e Inovação**, v. 9, n. 1, p. 41-66, 2023.

RIBEIRO, Cristina Tauaf. Agenda em políticas públicas: a estratégia de educação financeira no Brasil à luz do modelo de múltiplos fluxos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18(3), 2020.

SANTOS, Liliane Souza. A importância da educação financeira nas empresas sob o aspecto da produtividade e da redução dos acidentes de trabalho. **Revista Científica Hermes**, v. 8, 2013.

SILVA, João Luiz; OLIVEIRA, Marco Antônio Fernandes; ANGNES, Derli Luís. Avaliação de competências em incubadora tecnológica universitária para seleção e educação empreendedora. **Revista da Educação Superior do Senac-RS**. v. 13, n. 2, 2020.

SILVA, Nathália Etyenne Figueira; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes. Educação financeira e vieses cognitivos: análise considerando variáveis sociodemográficas. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 16, n. 4, 2022.

TUMELERO, Cleonir; AMORIM, Wilson Aparecido Costa de; VELOSO, Elza Fátima Rosa; LUCAS, Angela Christina. Relação entre práticas de educação corporativa e resultados financeiros de empresas que atuam no mercado brasileiro. **Revista Administração em Diálogo**, v. 14(2), 2012.

WAGNER, Jamie. Financial Education and Financial Literacy by Income and Education Groups. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 30, n. 1, 2019.